

# Guarani cria raízes na terra prometida

■ Proximidade de usina nuclear e dificuldades com solo não desanimam índios que há 15 anos chegaram a Bracuí, em Angra dos Reis

SIMONE CÂNDIDA

A região é íngreme e pouco fértil. Mas não há nada que faça os guarani mbyá abrirem mão do pedaço de chão onde há 15 anos está instalada a aldeia sapukai, em Bracuí, Angra dos Reis (Sul Fluminense). Quando algum homem branco tenta lembrar que ali perto fica uma usina nuclear perigosa ou que a vida naquelas bandas já não é tão fácil para o povo guarani, os líderes indígenas são enfáticos.

“Esse Brasil era nosso. Agora, o índio tem que lutar muito para conseguir um pedaço de terra pra ele. Conseguimos esta depois de muita briga e gostamos dela. Ela é muito ácida, quase não dá pra plantar milho e feijão. Mas, se pará conseguir terra ruim já é difícil...”, diz o vice-cacique Luiz Euzébio, 58 anos, que para os 420 índios que vivem ali é karai (aquele que nasceu para líder).

O grupo que atualmente habita a área chegou em Angra dos Reis em 1987, vindo do litoral do Paraná, sob a liderança do cacique João da Silva, conhecido entre os mbyá como Verá Mirim (pequeno relâmpago). No início, eram cerca de 200 pessoas que vieram ocupar uma área de 700 hectares, delimitada pela Funai (Fundação Nacional do Índio). Aos poucos, parentes do cacique e famílias mbyá de outros cantos do país foram chegando e tomando conta do local.

**Busca** – “Desde 1982 eles lutam por aquela terra, que só em 1995 foi homologada e registrada em cartório. É um povo que vive procurando uma terra ideal. Todos os guaranis têm essa concepção mitológica de busca de uma terra especial”, explica Carlos Augusto Freire, antropólogo do Museu do Índio.

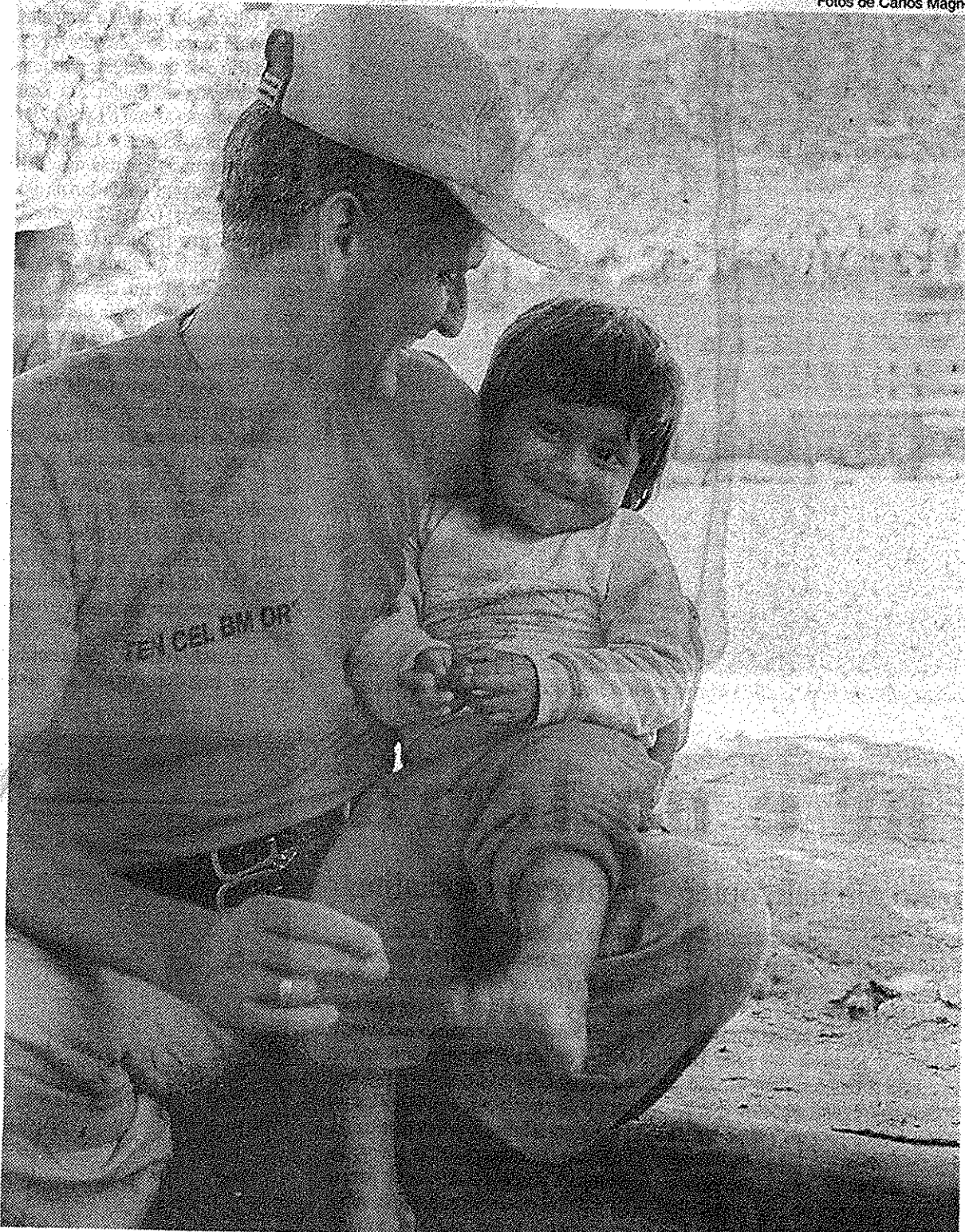
Nos cerca de 2 mil hectares da aldeia, a 300 metros de altitude, estão espalhadas poucas casas (as *oo* na língua mbyá). A maior concentração fica num terreno plano, onde estão a casa do cacique João da Silva, 84 anos, e a *opy*, a casa da reza – lugar onde os índios se reúnem no fim da tarde para falar de religião.

A maioria das mulheres e as crianças com menos de cinco anos só falam guarani. Depois do quinto ano de vida, os indiozinhos passam a frequentar a escola da aldeia e a aprender a ler e a escrever em português. As aulas são dadas por professores da própria aldeia. “Os guaranis fazem o possível para preservar suas crenças e tradições. Mas a aparência externa de um guarani é muito parecida com a nossa. Numa aldeia guarani você raramente encontra um índio nu”, diz o antropólogo Carlos Augusto Freire.

E a cada dia que passa, os sonhos dos guaranis estão ficando mais parecidos com os desejos de um homem branco. Eles querem luz, estrada asfaltada e até celular. A luz iria para o posto de saúde e para a escola; os melhoramentos da estrada ajudariam o índio a ter acesso à cidade. E o celular? “Queriam para fazer contato. A aldeia fica muito isolada. E já sei que aqui pega. Tem uma torre em Bracuí”, garante Luiz Euzébio, dando mostras de que o índio já sabe o que quer.

**Artesanato** – Mas a vida dessa gente não é brincadeira. O principal meio de sustentação da tribo é o comércio do artesanato. Todos os dias, um grupo de meninas da aldeia fica das 9h às 17h vendendo cestos, colares e potes de palha na beira da BR-101. Nas encostas íngremes, os índios plantam banana, cana e mandioca. E nos sete açudes que eles mesmos construíram, criam carpas e tilápias. “Eu sou índio, não quero emprego. Minha cultura é diferente. Tem dia que o pajé manda todo mundo ficar em casa e eu quero respeitar. O pessoal não entende”, diz, referindo-se aos homens da cidade, que chamam os índios de boas-vidas.

O pouco dinheiro arrecadado é usado na manutenção dos dois carros da aldeia – um jipe e uma Brasília; na compra de material para a lavoura, de bateria para o único gerador da aldeia. Para 1998, os guarani já sonham em melhorar as finanças; vão fazer visitas guiadas. “Grupos de 30, 40 pessoas poderão visitar a aldeia e perguntar coisas para nós”, conta Luiz de Souza, 21 anos, secretário da Associação Comunitária Indígena do Bracuí.



Fotos de Carlos Magno

O carinho do bombeiro com o bebê ajuda a criar a confiança para a participação no plano de evacuação

## Perigo de vazamento é ignorado

A missão não é nada fácil: convencer um grupo de índios desconfiados a abandonar suas terras por causa de um perigo que eles não podem ver, sentir ou ouvir. Pois, se ocorrer um vazamento de grandes proporções na Usina Nuclear de Angra dos Reis, este será o papel dos homens que servem ao 10º Grupamento de Bombeiros Militar. Vivendo a uma distância de aproximadamente 18 quilômetros da usina, os 420 índios guarani mbyá, da aldeia sapukai, não têm nenhuma noção do perigo que a usina nuclear pode representar. Para eles, aquilo é um ser estranho, desconhecido, criado pelo homem branco para destruir o mundo. “É uma coisa ruim, que não devia ser construída numa praia”, diz Luiz Euzébio, vice-cacique.

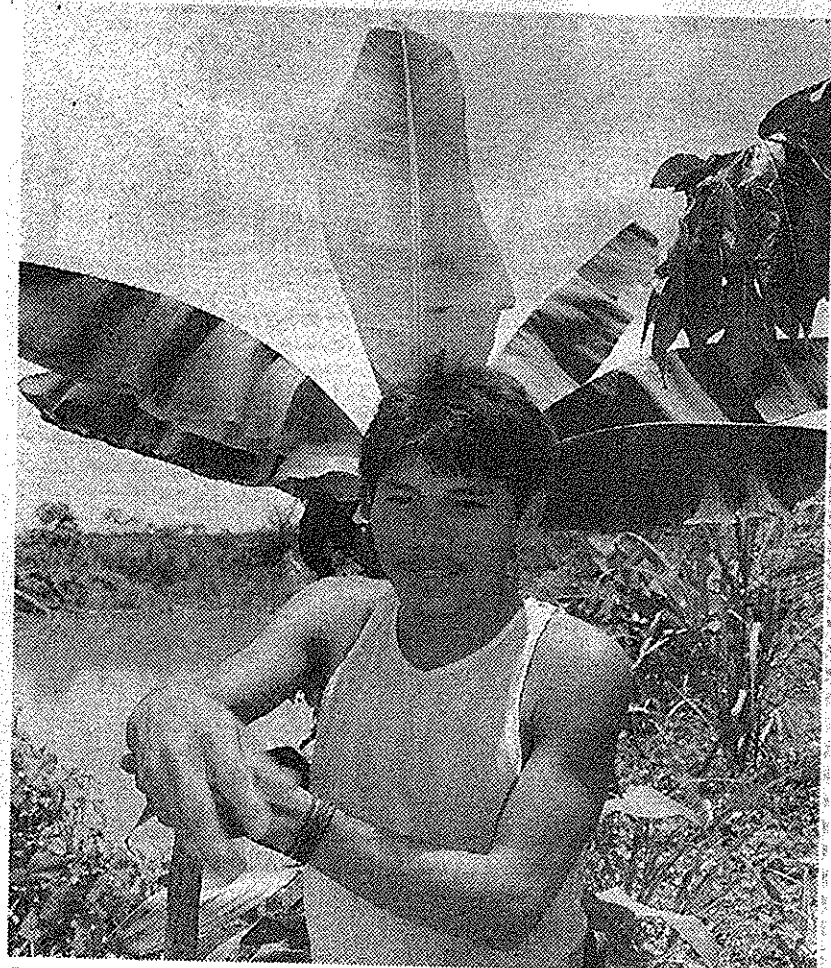
“Eles são muito místicos. Acham

que se alguma coisa acontecer é porque Deus quis e será o fim do mundo. Nós estamos tentando mudar essa mentalidade”, diz o comandante do 10º Grupamento (10º GBM), tenente-coronel Carlos da Silva Ortiz, que também acumula os cargos de coordenador da defesa civil e coordenador operacional de emergência nuclear. Desde 7 de outubro, ele chefiava um trabalho lento e gradativo de conscientização dos riscos e perigos da usina junto aos índios.

Apesar de a aldeia não estar localizada numa das áreas mais críticas, a população indígena precisa estar preparada para uma evacuação. “Pela escala de gravidade, a aldeia estaria numa área de ZPE 10 (Zona de Planejamento de Emergência)”, explica o comandante. Não vai ser nada fácil convencer os índios guarani

mbyá a deixarem a área no caso de um vazamento nuclear.

A primeira visita oficial dos bombeiros à tribo foi em 7 de outubro. Um comboio de quatro Toyotas – lotadas de bombeiros, técnicos do Ibama, Feema, defesa civil e Secretaria Municipal de Saúde – saiu do Centro de Angra em direção à aldeia Bracuí. Neste primeiro contato, os bombeiros nem se atreveram a falar de radioatividade, energia nuclear e coisas do gênero. Sentimos que eles tinham necessidade de ter um elo de ligação forte com a sociedade e compreendemos que os bombeiros teriam este papel”, conta o comandante. Desde então, as toyotas do 10º GBM sobem até a aldeia de 15 em 15 dias. Entre uma ajuda e outra, falam dos perigos da usina nuclear.



Luiz sonha com visitas de brancos para melhorar rendimentos da tribo

### MORANDO COM O PERIGO

- A aldeia sapukai fica a cerca de 30 quilômetros do centro de Angra dos Reis e a 18 quilômetros da usina nuclear, na localidade de Bracuí.
- Atualmente, 420 índios guarani mbyá vivem na aldeia. Deste total, 160 têm até 18 anos e são considerados crianças pelos adultos.
- A maior parte das mulheres mais velhas e todas as crianças menores de cinco anos só falam o guarani. Os homens, que geralmente são encarregados de fazer contatos com a cidade, são os que falam melhor o português.

- A terra dos mbyá – aproximadamente 2.128 hectares – foi homologada e registrada em 1995. Na área há um posto de saúde e uma escola, onde as crianças aprendem o português.
- As casas são feitas com troncos ou bambu. O teto é de folha de guaricanga.
- Entre os hábitos alimentares dos mbyá está o consumo do chimarrão.

Fontes: Museu do Índio e “As divinas palavras – identidade étnica dos guarani-mbyá”, de Aldo Litalif.

